



O BARBANTE

UMA LEITURA A PARTIR DO IMAGINÁRIO RADICAL DE CASTORIADIS

Valdirene Aparecida Cotta
(PRPPG/Unioeste - Doutorado)

Luciana Aparecida Bravim Macarini
(PRPPG/Unioeste - Doutorado)

Valdeci Batista de Melo Oliveira
(Unioeste)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Valdirene Aparecida Cotta é graduada em Segunda Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2017), e em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Aplicadas de Cascavel (2010); Mestre em Letras pelo programa de mestrado profissional em Letras - Profletras, na área de concentração: Linguagens e letramentos, linha de pesquisa: Estudos literários pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2021). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras na área de concentração de Linguagem e Sociedade e linha de pesquisa em Literatura, memória, cultura e ensino. Atualmente trabalha como professora na Secretaria Municipal de Educação de Cascavel - PR. E-mail: valdirenecotta@hotmail.com.

Luciana Aparecida Bravim Macarini é doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/Cascavel), na área de Linguagem e Sociedade. Mestra em Letras pela parceria firmada entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/ Cascavel), na área de Linguagem e Sociedade, na modalidade profissional (PROFLETRAS). Pós-graduada em Letras Português e Inglês e suas respectivas literaturas, também pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/ Cascavel). Graduada em Letras Português e Inglês pela Universidade Paranaense (UNIPAR/Cascavel). Professora efetiva na Rede Estadual de Ensino do Paraná desde 2011, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna (Inglês) para Ensino Fundamental e Médio. E-mail: lubravim@hotmail.com.

Valdeci Batista de Melo Oliveira é graduada em Letras (UEM/1988), Mestre em Teoria e História Literária (Unicamp/2001) e Doutora em Letras - Literatura Portuguesa (USP, 2007). Iniciou a carreira como professora universitária na Universidade Estadual de Maringá (UEM), em 1988, quando ministrou disciplinas de Teoria Literária e Literatura Portuguesa. É Professora Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Cascavel, desde 1995. É docente do Curso de Graduação em Letras (Unioeste), do Programa de Pós-Graduação em Letras, nível de Mestrado Profissional (Profletras/Unioeste) e do Programa de Pós-Graduação em Letras, nível de Mestrado e Doutorado (PPGL/Unioeste). É membra dos Grupos de Pesquisa CNPq: Etnia, Diversidade e Gênero; Linguagem e Sociedade; e Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a



descolonização. Atuou como coordenadora do Projeto de Extensão Abraço Sem Medo: Leitura e Teatro na Penitenciária Industrial de Cascavel (2005), que, em 2009, contou com verba do Ministério da Cultura. Atuou como coordenadora do Projeto Saberes e Valores da Juventude Rural do MPA e do MST no Território do Cantuquiriguaçu, com verba do Governo do Estado do Paraná no Programa Universidade Sem Fronteiras. Foi Chefe da Divisão de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão da Unioeste e ocupou o cargo de Assessora Técnica da Pró-Reitoria de Extensão da Unioeste, no período de 2007 a 2011. Atuou como coordenadora do Curso de Especialização Lato Sensu. Ensino da Cultura, Artes e História Afro-Brasileira e Indígena na Educação Básica. E-mail: valzinha.mello@hotmail.com.

RESUMO	ABSTRACT
<p>O presente trabalho visa apresentar uma análise do conto “O barbante”, escrito pelo contista francês Guy de Maupassant, obra em que o autor faz observações e análises profundas de uma sociedade pré-capitalista, apresentando problemáticas que continuam presentes na sociedade contemporânea como o individualismo, a banalização humana versus valores do capitalismo. Considerou-se para a base teórica deste estudo o imaginário radical de Cornelius Castoriadis, com enfoque nos conceitos de autonomia e heteronomia, buscando refletir sobre as temáticas abordadas no conto. As discussões giram em torno do imaginário radical enquanto rede de sentidos que torna as relações humanas forçosas para a sociedade ou grupos sociais, que são resultados do imaginário instituído social e historicamente, considerando os elementos fundantes da simbolização: crenças, interesses, necessidades que interferem nas interpretações das experiências individuais, constituídas coletivamente. Consideramos que as sociedades heteronômicas produzem a alienação humana impedindo os sujeitos de se reconhecerem como seres sociais e historicamente constituídos, assim, consequentemente estando fadados a sofrer os efeitos dessa organização social.</p>	<p>The present work aims to present an analysis of the short story “The piece of string”, written by the French short story writer Guy de Maupassant, a work in which the author makes observations and profound analyzes of a pre-capitalist society, presenting problems that are still present in contemporary society, such as individualism, human trivialization versus capitalism’s values. For the theoretical basis of this study, the radical imaginary of Cornelius Castoriadis was considered, focusing on the concepts of autonomy and heteronomy, seeking to reflect on the themes addressed in the short story. Discussions revolve around the radical imaginary as a network of meanings that make human relationships forceful for society or social groups, which are results of the socially and historically instituted imaginary, considering the founding elements of symbolization: beliefs, interests, needs that interferes in the interpretations of individual experiences, collectively constituted. We consider that heteronomous societies produce human alienation, preventing subjects from recognizing themselves as social and historically constituted beings, thus, consequently, being fated to suffer the effects of this social organization.</p>
PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
<p>O barbante; Guy de Maupassant; Imaginário Radical; autonomia e heteronomia</p>	<p>The piece of string; Guy de Maupassant; Radical Imaginary; autonomy and heteronomy</p>

INTRODUÇÃO

O Conto “O barbante” – nosso objeto de análise – compõe uma das insólitas obras de Guy de Maupassant (1850- 1893) e teve sua primeira publicação em Paris, no *Le Gaulois*, em novembro de 1883, em uma época em que os jornais eram bastante consumidos pela população. No referido contexto, a escrita jornalística se configurava como um espaço de discussões que, apesar de serem restritas aos autores, permitia a interação de muitas vozes e era palco de variadas reflexões que conjecturavam os fenômenos de interação social de uma Paris que se desenvolvia de modo acelerado. Referimo-nos a um período em que o gênero literário assumia uma posição hierárquica de superioridade. Portanto, o jornal era considerado a primeira etapa na carreira de um escritor.

Tais considerações sobre o jornal são relevantes por influenciar no modo de escrita de Maupassant, na medida em que suas produções estavam submetidas ao espaço para o qual escrevia, de modo que seus traços eram concisos, objetivos, de temáticas variadas. No entanto, as margens das colunas de jornal não estavam em paridade com a grandiosidade do autor que expressava sinteticamente, de modo irônico e repleto de criticidade, os costumes da sociedade burguesa da França do século XIX.

Maupassant desenvolveu uma produção majestosa e numerosa, produzindo trezentos contos em um concentrado período de 10 anos. Suas principais influências foram escritores de renome na literatura, como Zola, Mallarmé e Flaubert – este foi o que esteve mais próximo, sendo um grande incentivador e apoiador do autor. O contista foi dono de uma carreira de sucesso e de uma vida intensa, badalada, porém curta; morreu aos quarenta e três anos, em um manicômio, louco. Aliás, a loucura é um tema recorrente em seus contos. Gerlach (1998, p. 10), explica que

[...] numa misteriosa presciência do seu próprio fim, Maupassant volta constantemente aos temas da alucinação e da demência. Em nenhum dos seus contos fantásticos a explicação é completamente nítida, reina um ceticismo, uma ironia de quem deixa sempre algo nas entrelinhas.

O autor se insere no realismo fantástico, mais realista que fantástico, e consegue remontar a realidade examinando a condição humana por meio de seus contos, apresentando o extraordinário, ainda que nas quimeras das personagens, abordando temáticas relativas às questões interiores, como medo, solidão, rancor, inveja, difamação, e a, já mencionada, loucura.

Para adentrar nesse universo do realismo fantástico de Guy de Maupassant,

pretendemos, neste trabalho, analisar o conto “O barbante” a partir da perspectiva do imaginário radical de Castoriadis, observando as significações imaginárias instituídas e compartilhadas socialmente. O conto em questão é versão traduzida por Dilson Ferreira da Cruz, impressa no livro *Sobre o sentido II: Ensaios semióticos*, de Algirdas Julius Greimas (2014).

1 A PERSPECTIVA TEÓRICA: IMAGINÁRIO DE CORNELIUS CASTORIADIS

As reflexões acerca do conto “O barbante” sob a perspectiva teórica do imaginário radical circundam em torno de dois conceitos dos quais trataremos a diante: a heteronomia e a autonomia. Antes disso, elucidaremos alguns conceitos fundamentais da teoria elaborada por Cornelius Castoriadis. Iniciamos abordando a questão do imaginário no âmbito de criação social. Para Castoriadis (1992, p. 49), “a imaginação é a capacidade de colocar uma nova forma. De um certo modo, ela utiliza os elementos que aí estavam, mas a forma, enquanto tal, é nova”. Acerca desse conceito, a filósofa e professora Martha Solange Perrusi (1999, p. 32) afirma que o referido termo se constitui como

fonte criadora tanto da psique / soma quanto do social-histórico. O imaginário radical enquanto imaginação radical traduz-se no que para a psique / soma é posição, criação e fazer ser; aparece, pois, como fluxo representativo / afetivo / intencional. Por sua vez, o imaginário radical enquanto imaginário social aparece como corrente do coletivo anônimo, traduzindo-se na sociedade instituinte e no que para o social-histórico é posição, criação e fazer ser.

Em princípio, é importante tomar ciência de que, para Castoriadis, constituímos-nos a partir do social-histórico, isto é, cada sociedade cria suas significações que se tornam lícitas, podendo ser efetivadas, solidificadas, sagradas. Castoriadis afirma que o sócio-histórico possibilita o surgimento e desenvolvimento das instituições, que são criadas e recriadas pelo tempo. Nas palavras de Castoriadis (1982, p. 131), o social histórico abrange

por um lado, estruturas dadas, instituições e obras ‘materializadas’, sejam elas materiais ou não; e, por outro lado, o que estrutura, institui, materializa. Em uma palavra, é a união e a tensão da sociedade instituinte e da sociedade instituída, da história feita e da história se fazendo.

No que se refere ao tempo instituído pelas sociedades, este aparece em dois

âmbitos: tempo identitário – que se refere à medida (tempo cronológico); e tempo imaginário – ou tempo das significações – e um está sempre vinculado ao outro. Nas palavras do autor:

[...] as articulações do tempo imaginário dobram ou aumentam os marcos numéricos do tempo calendário. O que nele ocorre não é simplesmente acontecimento repetido, manifestação essencial da ordem do mundo tal como é instituída pela sociedade considerada, das forças que a animam, dos momentos privilegiados da atividade social – quer diga respeito ao trabalho, aos mitos, às festas, à política. (CASTORIADIS, 1982, p. 247).

O termo instituição, segundo Castoriadis (1982, p. 159), refere-se a “uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam, em proporções e em relações variáveis, um componente funcional e uma dimensão simbólica”. Nesse sentido, o fator funcional está relacionado às necessidades vitais de sobrevivência individual e coletiva de natureza física e biológica. Já a dimensão simbólica existe na linguagem e nas instituições que “não se reduzem ao simbólico, mas elas só podem existir no simbólico [...] e constituem cada qual sua rede simbólica” (CASTORIADIS, 1982, p. 143).

O simbólico remete ao imaginário. Sobre este conceito, Castoriadis (1999, p. 89) relaciona a “história e obras do imaginário radical, que surgem quando se constitui uma coletividade humana; o imaginário social instituinte que cria a instituição geral (a forma instituição) e as instituições particulares da sociedade considerada, a imaginação radical do ser humano”. Nesta teoria, o imaginário é tido como criação indeterminada de formas, sentidos e representações, que estabelece uma relação de troca contínua entre o indivíduo e o coletivo.

Destacamos também os conceitos de autonomia e heteronomia. Pela perspectiva do autor, a sociedade autônoma

[...] é a sociedade que explícita e lucidamente se auto-institui, que sabe que é ela própria que estabelece suas instituições e significações, isso também quer dizer que ela sabe que estas não têm nenhuma fonte além de sua própria atividade instituinte e doadora de significação, bem como nenhuma “garantia” extra-social (CASTORIADIS, 1987, p. 427).

A partir dessa conjuntura, portanto, nas sociedades autônomas o indivíduo participa da formulação de regras e leis da vida coletiva, sendo ele capaz de refletir sobre suas ideias e como atua na sociedade. No poder autônomo, as instituições têm de garantir oportunidade e igualdade aos indivíduos, assim como a participação desses nos processos políticos responsáveis pela regulação da vida coletiva. As aldeias indígenas e quilombolas são exemplos desse tipo de instituição.

Já a heteronomia, ou alienação,

Surge, pois, como *instituída*, pelo menos como grandemente condicionada pelas instituições [...] as instituições podem ser, e o são efetivamente alienantes no seu conteúdo específico. Elas são enquanto exprimem e sancionam uma estrutura de classe, mais genericamente uma divisão antagônica da sociedade e, concomitantemente, o poder de uma categoria social determinada sobre o conjunto (CASTORIADIS, 1982, p.132-133).

Nessa medida, o poder heteronômico está arrolado às relações de poder desiguais em que se distingue o subordinador do subordinado, o explorador do explorado, como qualquer instituição que sustenta o modo capitalista de produção. Castoriadis explica que “se à autonomia, a legislação ou a regulação por si mesmo, opomos a heteronomia, a legislação ou a regulação pelo outro, a autonomia é minha lei, oposta à regulação pelo inconsciente que é lei outra, a lei do outro que não eu” (CASTORIADIS, 1982, p. 123-124).

Em outras palavras, no poder heteronômico o discurso que domina o indivíduo é estranho a ele, pois, ao exercer a autonomia, o sujeito se “desprende” desse discurso, constrói um imaginário a partir dos diversos discursos constituídos histórica e socialmente, sendo capaz de refletir sobre eles, incorporá-los, incluir ao imaginário seus anseios e perceber suas limitações.

2 “O BARBANTE”: ANÁLISE

No conto “O barbante”, o narrador remonta o tempo imaginário instituído e apresenta ao leitor o espaço social da narrativa fundamentada ideologicamente no modo burguês de produção. Dessa forma, remete-nos a um mundo de significações imaginárias que organizam a sociedade e o modo operante da economia da comunidade campesina, cuja fonte geradora de lucro é o trabalho rude e pesado desempenhado pelos camponeses. A esse contexto é possível atrelar o conceito de “heteronomia” proposto por Castoriadis, baseado nas relações desiguais estabelecidas entre a classe dominada e a classe dominante. Pode-se pensar, também, nos valores, nas crenças, costumes e hierarquias sociais cristalizadas, que determinam sentimentos e atitudes.

A narrativa se passa em Goderville, na França, centro de encontros dos camponeses da região. O narrador inicia o conto apontando as características dos coadjuvantes da história – camponeses que se dirigem ao burgo em dia de feira. Este é o local em que o sistema ideológico e econômico se manifesta no conto. O espaço

enunciado tem um peso temático fundamental, sendo ele a esfera social predominante em que enredo irá se desenvolver, ocupado pela classe dominada.

Acerca do povo campesino, que se encaminha para a feira, o narrador o classifica em três grupos: os machos, as mulheres e os camponeses ricos. No entanto, avultosamente, nos direciona a olhar para os machos e as mulheres, pobres, desguarnecidos e acabrunhados, que perambulam em meio a animais, num emaranhado em que gente e bicho se confundem, numa mescla de chifres e chapéus, vozes, cacarejos e mugidos.

Para inserir o leitor no ambiente da narrativa, o autor recorre à exploração sinestésica. Instiga o sentido da visão, apresentando as personagens anônimas em movimento e estereotipadas: “Os machos seguiam em passo tranquilo, o corpo todo para a frente e cada movimento de suas longas pernas tortas deformadas pelos trabalhos rudes [...] pelas labutas todas, lentas e pesadas, do campo” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 147). Nesta passagem, o indivíduo não aparece, apenas a massa, no modo como interessa ao sistema de produção. Assim, as particularidades ou detalhes individuais são propositalmente ignorados na narração. O modo como o espaço social é exposto anula a individualidade do ser.

Outra característica a se observar é que esses indivíduos que se movimentam para mesma direção não correspondem à uma massa global e, sim, à uma organização hierárquica. Os homens à frente das mulheres remetem à relação de patriarcado e, juntos, englobam a parcela maior dessa massa fragmentada, representando o fator principal da manutenção da sociedade, como mão de obra barata e consumidor. Já os chamados camponeses ricos, sob a perspectiva de divisão de classes, exprimem a partícula detentora do capital.

As vestimentas também são descritas numa uniformidade que identifica, claramente, a classe social desses sujeitos: “suas blusas azuis de campônios [...] estufadas em torno do tronco ossudo, pareciam um balão prestes a alçar voo, de onde saíam uma cabeça, dois ombros e dois pés” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 147). Nesta passagem, o emprego do recurso estilístico de comparação coopera, simultaneamente, para a elaboração de três efeitos de sentido distintos, embora complementares: a fragilidade dos seres, passíveis de voar ou se perder a qualquer momento; o vazio, que alude à alienação ou incapacidade de reflexão; e o aspecto animalesco dos personagens, que remetem à forma física de uma vaca.

O aglomerado de indivíduos vaga em direção à feira, local em que a ideologia burguesa melhor se manifesta. Tratam-se de camponeses que se constituem como representação simbólica do capitalismo, da força de produção. São pessoas reificadas, desenhadas na narrativa como coisas, objetos desgastados e sacrificados menos pela sobrevivência, mais pela manutenção da máquina na produção do capital, cujo

propósito único é o lucro. Castoriadis (1982, p. 365), explica que

A instituição social-histórica da ‘coisa’ e de sua percepção é homóloga à instituição social-histórica do indivíduo, não somente na medida em que só há ‘coisa’, e tal coisa, para os indivíduos, mas também na medida em que o indivíduo, como tal, é uma ‘coisa’ cardinal, necessariamente instituída também como tal pela sociedade.

Com relação ao deslocamento dos camponeses, este figura como o “desejo” – uma das representações simbólicas que move o capitalismo. Todos se movimentam na mesma direção, imersos no jogo do consumo e do lucro, uns limitados unicamente ao básico para a sobrevivência, outros para o acúmulo de capital, mas todos movidos pelo desejo criado intencionalmente para inflamar o motor desse sistema que produz coisas e coisifica o ser, tanto para a produção quanto para o consumo.

Nesse mesmo movimento, atrás dos homens seguem a mulheres: “O passo era mais curto e ligeiro que de seus homens; o corpo seco, ereto, ia envolto em um xalezinho ralo” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 148). A passagem referencia a sobrecarga histórica de trabalhos imposta à mulher, pois, embora esteja evidente a semelhança decadente em que são descritos homens e mulheres, a elas são atribuídos, ainda, os fardos de carregar as cestas contendo animais de menor porte e de tocar o gado controlando ritmo da marcha.

Na sequência, seguem as carroças e, dentro delas, camponeses ricos, aos quais não são reservadas descrições detalhadas. No destino, pessoas e bois dividem o mesmo espaço: “os chifres dos bois, os chapéus das camponesas e dos camponeses ricos, ambos altos, de pelo de cabra, emergiam na superfície da aglomeração” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 148). Ao retratar um tempo mais primitivo do capitalismo, o narrador diferencia camponeses de camponeses ricos – que ascenderam economicamente pelo processo de comercialização de suas mercadorias.

Todos os motivos conduzem à degradação humana. A exploração dos sentidos na linguagem do texto, conforme já mencionado, leva a esse caminho. A depreciação, por sua vez, se dá por meio da representação sonora: “Vozes tonitruantes, agudas, esganiçadas, formavam um clamor contínuo e selvagem que, às vezes, dominava o vozeirão que vinha do peito robusto de um matuto alegre ou o longo mugido de uma vaca presa ao muro de uma casa” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 148). E se completa pelo sentido olfativo: “Tudo isso cheirava a estábulo, a leite e estrume, a feno e suor; exalava aquele suor ocre, repulsivo humano e bestial, próprio das gentes do campo” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 148). Nesse jogo sinestésico, o autor constrói o cenário da narrativa: o espaço generalizante, em que não se percebe as diferenças individuais; o tempo histórico, em que se insere o sistema burguês; e as

personagens, camponeses ricos e pobres se igualam a animais, em referência à bestialidade humana, resultado da ideologia vigente.

Na mesma esteira de controvérsias que opera no capitalismo, a feira e a estalagem são espaços ambíguos. Espaço de lazer, em que pessoas se reencontram, comem, bebem, conversam e riem; e espaço de competitividade, leis, inveja, rancor. Portanto, um local, predominantemente, preso às regras socioculturais, no qual tudo é observado e interpretado.

Na medida em que o meandroso caminhar dos camponeses é desfocado, o narrador se volta para o individual, neutralizando o coletivo, no momento em que dois sujeitos, um camponês que compunha a multidão e um comerciante de Goderville, porventura se encontram. O encontro entre Hauchecorne, vindo de Bréauté, e Malandain – o vendedor de arreios com quem outrora havia se desentendido por causa de um cabresto – ocorre de modo constrangedor. No momento em que o camponês é flagrado pelo, então, inimigo ao apanhar do chão um fino barbante que encontra em meio ao esterco, o gesto banal resulta em uma cena embaraçosa que encabula o velho, que, por sua vez, procura disfarçar:

Primeiro escondeu bruscamente seu achado sob a blusa; depois, no bolso dos culotes; em seguida, fez cara de quem ainda procura no chão alguma coisa que não consegue encontrar, e se foi para a feira, cabeça à frente, dobrado por suas dores (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 148).

A atitude de Hauchecorne, supostamente nutrido de indícios incriminatórios, somada ao rancor entre os camponeses, é motor gerador do equívoco que se sucede após o ocorrido. A margem para uma interpretação equivocada é buscada em algum ponto do imaginário instituído daquele conhecimento que se tem sobre o mundo – aquele mundo de camponeses e pequenos comerciantes de vida laboriosa e dura que os obriga a valorizar cada vintém e os torna desconfiados e avarentos. O contexto de miséria envolve a ambos: Hauchecorne por pensar que aquele pequeno barbante poderia ter serventia em algum momento e Malandain por suspeitar de uma atitude criminosa de seu desafeto. Assim, potencializada pelo desentendimento de outrora, a atenção do observador se instaura a todo movimento do observado. Como efeito, é desse imaginário que sobrevirá uma interpretação distinta do real praticado por Hauchecorne, como poderemos observar adiante.

Na sequência narrativa, na praça onde a feira acontece é anunciada a perda de uma carteira contendo cinco notas de cem francos e papéis de negócio. Coincidentemente, naquela manhã alguém a havia perdido. Malandain, nutrido pelas lembranças do que havia presenciado anteriormente, desconfia de Hauchecorne e faz deduções que o levam a denunciar seu opositor, alegando que o viu apanhando algo na

estrada. Conseqüentemente, o camponês é intimado a prestar esclarecimento. “Seu hauchecorne, o senhor poderia me acompanhar até a prefeitura? O senhor prefeito gostaria de falar-lhe” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 150). O prefeito inquiriu a satisfação: “[...] o senhor foi visto pela manhã na estrada de Beuzeville pegando a carteira perdida do Senhor Houlbrèque, de Manneville” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 150).

Confuso e exasperado, Hauchecorne nega as acusações. Ao saber que a denúncia partira de Malandain, procura se explicar: “O que ele viu foi eu pegar esse barbante aqui ó. Oia Aqui, douto prefeito.” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 151). Sem êxito, não convence, e o acusador insiste na denúncia, cujas palavras têm a credibilidade do prefeito: “O senhor quer me fazer acreditar [...] que o senhor Malandain, que é um homem digno de fé, tomou essa cordinha por uma carteira?” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 151). O questionamento do prefeito nos revela que o poder do discurso de Malandain – que possivelmente compartilha dos mesmos valores ideológicos do prefeito – sobreponha-se, fazendo com que a sua palavra anule a palavra do acusado.

No dia seguinte, Marius Pabelle, empregado de uma fazenda aparece com a carteira: o homem alegava que de fato encontrara o objeto na estrada, mas, não sabendo ler, o havia levado para casa e dado a seu patrão”, que devolve ao dono. Hauchecorne, ao tomar conhecimento da notícia, passa a contar o desfecho da história a todos que encontra, mas a desconfiança permanece. Apesar do caso ter sido solucionado, a denúncia pesou sobre o pobre velho, desmoralizando-o a ponto de ser visto como infame, espertalhão. Com a moral depreciada, o homem, incansavelmente, passa a empenhar-se em convencer a todos sobre sua inocência. Conta e reconta a história do barbante.

Ele falava de sua aventura o dia inteiro, contava-a nas estradas, aos que passavam; nos bares, aos que bebiam; aos que saíam da igreja, no domingo seguinte. Detinha desconhecidos para dizê-lo. Agora estava tranquilo, mas alguma coisa ainda o incomodava sem que soubesse ao certo de que se tratava. Tinham um jeito de quem mofava quando o escutavam. Não pareciam convencidos. Ficou com a impressão de ouvir insinuações às suas costas (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 152).

Suas palavras eram ineficazes, quanto mais ele se defendia mais parecia incriminar-se: “São razões de mentirosos, diziam às suas costas. [...] Os zombadores agora o faziam contar *O barbante* para se divertir, como se faz o soldado narrar a batalha de que participou” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 153). A desventura em provar a inocência o enfraquece, levando-o à loucura. Exaurido, morre pouco tempo

depois. A despeito disso, a mentira da qual fora vítima atingiu a irreversibilidade.

Acerca da simbologia, devemos nos atentar para alguns elementos que se apresentam na narrativa. Ao esterco, local em que o barbante estava, que remete à imundície, podemos associar atitudes negativas, avareza, difamação, e também considerar a descrição dada pelo narrador às personagens, que esgotam todas as energias para sustentar o sistema. O nome do protagonista da história traz consigo a ideia do animalesco: *cornu* é a tradução de chifre em latim. Os chifres são instrumentos importantes, principalmente para a defesa do animal. O mesmo posicionamento assumido pelo protagonista, após a acusação de Malandain, que perpassou a narrativa atestando inocência, até o ponto final, cujo desfecho é a morte.

No entanto, o isomorfismo mais relevante, o sentido máximo da narrativa, está no próprio barbante – objeto que é tomado como título do conto e repetido diversas vezes no texto, mostrando a força de sua simbologia. Nas palavras do acusador, o barbante é tecido como uma armadilha consistente e estratégica, de um modo que impossibilita a presa de escapar. O acusado, já retido na armadilha, enreda-se ainda mais a cada vez que conta sua versão. A acusação, amparada num imaginário social instituído de poder heteronômico, em que sujeitos sofrem um apagamento do ser, impossibilitou que a vítima da calúnia obtivesse credibilidade. Inserida nesta conjectura, a morte física, no desfecho da narrativa, desvelaria a morte da moral.

Nesse sentido, o pressuposto castoridiano de que “O uso 'correto' da função simbólica supõe a função imaginária e seu domínio pela função racional” (CASTORIADIS, 1982, p. 155) tornou-se imperativo para que o camponês – imerso em um universo de poder heteronômico, logo, impossibilitado do poder de autonomia e sem domínio reflexivo do processo de simbolização da sociedade em que vivia – exaurisse-se até a morte sem conseguir provar sua inocência.

Ao pensarmos o conto sob a perspectiva do imaginário radical, podemos afirmar que são os significados compartilhados que constituem a realidade social. Na sociedade capitalista, o mundo circunda em torno do lucro, gerado pelo trabalho. No entanto, esse lucro se destina à classe dominante e não à classe trabalhadora. A esta, resta o suficiente/insuficiente para a sobrevivência – condição que pode gerar nos indivíduos sentimento de insegurança e atitudes mesquinhas, como podemos observar: “Os camponeses [...] sempre com medo de serem passados para trás [...] olhando os olhos do vendedor, tentando intensamente descobrir a artimanha do homem e a eiva do animal” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 148-148). Nesse sentido a mesquinhez do objeto fez com que a palavra de Hauchecorne se tornasse incrível, na medida em que é duvidosa a argumentação de uma pessoa que empregaria tanto esforço por objeto sem valor – “abaixou-se com dificuldade, pois sofria de reumatismos” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 148) – numa sociedade em que o valor é sinônimo de lucro.

A partir dessa perspectiva, é possível inferir que as criações sociais, quando instituídas heteronimicamente, automatizam-se e o indivíduo, como instrumento dessa instituição, esvazia-se do poder de criação porque acredita que o que está posto não pode ser mudado – o que alimenta a cultura de exploração do sistema instituído.

Hauchecorne é parte desse sistema instituído e, como um sujeito destituído de autonomia, é incapaz de refletir lucidamente sobre seu ato, não podendo, por fim, romper com as estruturas postas para superar a calúnia e a difamação. A sua insignificância nesse tipo de sociedade é simbolicamente representada pelo barbante, objeto fútil, “um barbantino de nada, de nada [...]” (MAUPASSANT *apud* GREIMAS, 2014, p. 153). Por outro lado, o objeto revela a faculdade manipulatória existente nas instituições de poder heterônimo: o barbante como fios usados para manipular marionetes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste estudo, compreender como a sociedade instituída está solidificada na individualidade do ser. “O barbante” é um conto que se insere em um espaço e tempo em que as ideias circundam em torno da sociedade burguesa, ou pré-capitalismo e, apesar do cenário campesino não demonstrar o consumismo exacerbado e a necessidade de lucro exagerada como vemos nos dias atuais, podemos identificar uma rede simbólica sancionada pela sociedade a relações de poder, à divisão de classes, à ascensão social, à manipulação, à coisificação humana e aos valores centrados no lucro. Nesse contexto, os objetos de perdição de Hauchecorne não poderiam ser outros senão a carteira, com dinheiro e papéis de negócio, e o barbante, objeto tão insignificante quanto os valores humanos na sociedade que gira em torno de cifras monetárias.

As personagens, Hauchecorne e Malandain, apesar de vivenciarem um conflito que, aparentemente, os coloca em oposição, integram-se ao mesmo sistema social organizado de tendência dominante – o poder heteronômico. Esses indivíduos participam da esfera de dominados, trabalhadores explorados e desvalorizados, alienados que, por não se reconhecerem nesta condição, pregam por valores relacionados à honra, num tempo em que a palavra ainda era bastante valorizada. Em contrapartida, a condição dos camponeses associada a esse sistema interfere no modo como pensam e agem com relação às pessoas do meio de interação com avareza e desconfiança.

Hauchecorne se encontra numa posição de desvantagem, sendo o observado. O observador, como parte de uma instituição constituída histórica e socialmente, referenda o pensamento mesquinho, o valor naquilo que pode ser revertido em lucro ou vantagem. Essa concepção o faz relacionar a cena vista com o desaparecimento da carteira. O mesmo sentimento faz com que o observado tenha a atitude de juntar o

barbante e depois simular uma atitude que justificasse tamanho esforço de se agachar e vasculhar o esterco.

Em suma, a heteronomia instituída, ou alienação, segundo Castoriadis (1982), se apresenta numa extensão de estados de privação e opressão, de modo que a manipulação se constitua como uma forma de tornar esse sistema lícito. Assim, a reificação das pessoas se naturaliza. Inseridos nesse contexto, os indivíduos que reagem a esse pensamento pagam um alto preço. O velho e reumático camponês é um sujeito alienado, incapaz de reconhecer o caráter social e historicamente criado pelo sistema instituído. Destituído de autonomia, dispunha de uma única arma – a palavra – porém, numa sociedade em que o poder se converte em moeda, seus argumentos não têm valor algum. Isto porque, conforme Castoriadis (1982), a autonomia individual não pode superar os resultados desse estado, os efeitos da vida, os efeitos das estruturas opressoras da sociedade em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- CASTORIADIS, Cornelius et al. A criação histórica e a instituição da sociedade. CASTORIADIS, Cornélius et all. (org.). **A criação histórica**. Porto Alegre: Artes Ofícios, 1992.
- CASTORIADIS, Cornelius. **Figuras do Pensamento: As encruzilhadas do Labirinto VI**. Lisboa: Epistemologia e Sociedade, 1999.
- GERLACH, Carmen Lúcia Cruz Lima. Prefácio - O fantástico em Maupassant. In: MAUPASSANT, Guy. de. **Madame Hermet e outros contos fantásticos**. Tradução de Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach e Maria José Werner Salles. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999. p.9-20.
- GREIMAS, Algidas. Julien. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. Tradução de Denilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nakin: Edusp, 2014.
- PERRUSI, Martha Solange. Aspectos da criação no pensamento de Castoriadis. **Revista Symposium**. Universidade Católica de Pernambuco. Nova Fase, Ano 3, Número Especial • junho-99, p. 32-44.



Título em inglês:

THE PIECE OF STRING: A READING FROM THE RADICAL IMAGINARY OF
CASTORIADIS